

As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin: (re)significando alguns conceitos, (re)visitando a literatura¹

Wallace Dantas²

RESUMO

Este artigo, para além de uma revisão da literatura concernente a algumas ideias do Círculo de Bakhtin, propõe-se a apresentar, através de uma linguagem objetiva, as principais ideias de conceitos que perpassam vários escritos de Mikhail Bakhtin e colaboradores. Fazendo uso de autores consagrados na literatura quanto aos estudos da Abordagem Dialógica do Discurso (doravante ADD), somando aos escritos dos autores do Círculo, trazemos nossa reflexão sobre alguns pontos que, defendemos, carecem de uma outra abordagem que possa contribuir sobremaneira àquelas já existentes – e que são vastas e numerosas. Acreditamos que este artigo contribuirá para uma reflexão sobre os gêneros do discurso, dialogismo, interação discursiva, palavra ideológica, significação, tema, discurso reportado, além de proporcionar, em um único texto, o encontro de vários autores que, em solo brasileiro e além,

¹ Parte deste texto provém do capítulo teórico de minha dissertação de mestrado, defendida em 2021, pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino/PPGLE, da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Link de acesso para a dissertação: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/22995>.

² Doutorando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG.
E-mail: wallacedantaspb@hotmail.com

propõem-se a compreender as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Abordagem Dialógica do Discurso; Conceitos; Revisão de literatura

ABSTRACT

This article, in addition to a literature review concerning some ideas of the Bakhtin Circle, proposes to present, through an objective language, the main ideas of concepts that permeate several writings by Mikhail Bakhtin and collaborators. Making use of renowned authors in the literature regarding the studies of the Dialogical Approach to Discourse (hereinafter ADD), adding to the writings of the authors of the Circle, we bring our reflection on some points that, we defend, lack another approach that can contribute greatly to those already existing – and that are vast and numerous. We believe that this article will contribute to a reflection on discourse genres, dialogism, discursive interaction, ideological word, meaning, theme, reported discourse, in addition to providing, in a single text, the meeting of several authors who, on Brazilian soil and beyond, propose to understand the linguistic ideas of the Bakhtin Circle..

KEYWORDS: Bakhtin Circle; Dialogical Approach to Discourse; Concepts; Literature review

“A vida pode ser conscientemente compreendida apenas na concreta responsabilidade. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. A vida só pode ser compreendida como eventos em processo, e não como um Ser enquanto dado. Uma vida que se afastou da responsabilidade não pode ter uma filosofia: ela é, por princípio, fortuita e incapaz de ser enraizada.” (BAKHTIN, 1993, p. 74 – Para uma Filosofia do Ato)

INTRODUÇÃO: O DIALOGISMO NA RÚSSIA DOS SÉCULOS XIX E XX: O LEGADO DE LEV IAKUBÍNSKI³

³ Em Sobral (2009), temos a escrita do nome Lev Jakubinski. Em Cunha (2016), Lev Jakubinskij. Em Grillo (2016), Lev Iakubínski. Optamos pelo uso feito por Grillo (2016), porque entendemos que essa autora faz uma tradução e uso diretamente do russo, fato não realizado pelos dois primeiros autores.

Antes de iniciar uma exposição das bases teóricas comumente mais usadas na literatura atual quando falamos em Mikhail Bakhtin e colaboradores, é importante contextualizar o momento social e histórico no qual se inserem os trabalhos iniciais do famigerado Círculo de Bakhtin (FARACO, 2009).

O dialogismo russo, surgido ainda em meados de 1920, começou a partir do diálogo face a face, portanto, a partir da interação como esta é conhecida atualmente, em um momento no qual, na União Soviética, ainda predominavam as ideias da linguística histórico-comparativa, que se debruçavam, principalmente, nos estudos das leis fonéticas, portanto, do estruturalismo (SOBRAL, 2009; CUNHA, 2016). O texto, por sua vez, era compreendido como um ‘documento’ que registrava apenas uma época ou um país. Nesse contexto, mais adiante, surgiu uma crise nos estudos linguísticos vigentes, no caso, dos estudos linguísticos russos tradicionais, a partir do surgimento de novas situações-problema, compatíveis, com o que afirmava Sobral (2009), ‘o clima de época’.

Em 1923, Lev Iakubínski⁴ publicou o ensaio “Sobre a fala dialogal”⁵. Esse texto, de modo geral, é formado, como já bem comentou Sobral (2009), por uma perspectiva crítica a partir do comportamentalismo de John Watson, das ideias da psicologia de William James, assim como da sociologia de Gabriel Tarde.

⁴ Nascido em Kiev em 1892, logo em seus primeiros trabalhos, tratava da questão da unidade da forma e do conteúdo, das ações necessárias à realização poética do texto, além de estudar trabalhos de literatura e de teóricos russos do seu tempo. Estudou no Departamento de Estudos Russos e Eslavos da Faculdade de Filologia e História na Universidade de São Petersburgo. Nessa universidade, ele conviveu com filósofos, psicólogos, físicos e sociólogos, “cientistas de orientação neoliberal”. Além disso, Iakubínski, conhecia bem os trabalhos dos psicólogos russos e alemães, além dos fundamentos do behaviorismo, da pragmática, da psicanálise, da psicologia social e da reflexologia. Participou da OPOJAZ (Sociedade dos Estudos da Linguagem Poética). Realizou várias atividades profissionais, a saber: professor do Ensino Médio, diretor na escola de Peterhof, instrutor do Departamento de Educação Popular na região de Peterhof e educador de um orfanato. Foi colaborador científico do ILJaZV (Instituto de Estudos Comparados das Línguas e Literaturas do Ocidente e do Oriente). Em 1923, torna-se professor da Universidade de Petrogrado e ensina Linguística Geral, interessando-se pelos aspectos fonéticos da linguagem poética, pela sociolinguística, linguística histórica, estilística, teoria da linguagem poética. A partir dos anos 30, Iakubínski, continua com suas atividades docentes, científicas e administrativas. Nessa década, publica vários artigos na tentativa de formar uma cultura linguística nos pesquisadores iniciantes, além de trabalhos da ordem da sociolinguística. Morre em 1945, aos 53 anos de idade. (CUNHA, 2016, p. 32 – 34)

⁵ É importante expormos aqui a estrutura desse texto para que o leitor, caso não tenha ainda tido contato com o texto em sua versão completa, possa ter, através das partes que compõem o ensaio, uma noção do que Iakubínski escreveu. Assim seguem as partes constitutivas do ensaio: I) Sobre a diversidade funcional da língua; II) Sobre as formas do enunciado verbal; III) Sobre a forma não mediatizada; IV) Sobre a característica natural do diálogo e artificial do monólogo; V) Observações sobre o diálogo em comparação com o monólogo oral e escrito; VI) A apreensão da percepção da fala; VII) Os estereótipos do cotidiano e do diálogo; VIII) O diálogo e ao automatismo da fala. Foi publicado na revista *Russkaya reč'* [A língua russa].

Há autores (AGEEVA, 20092; AIRCHAMBAULT, 2000, 2009; BRANDIST, 2012; IVANOVA, 2000, 2003; LÄHTEENMÄKI, 2005; KYENG 2003) que defendem a ideia que Iakubínski inspirou Volóchinov e o Círculo no que diz respeito à teoria do diálogo e do dialogismo na linguística russa. Outros autores, como Tylkowski (2013), discordam desse pensamento. Independentemente da ausência de comprovação, não podemos negar, talvez em menor grau, as influências de Iakubínski, transplantadas e ressignificadas em vários contextos nos quais viveu e de que se ocupou o Círculo. Em “Sobre a fala dialogal”, para Iakubínski, a língua é uma atividade “linguageira” atrelada à ação e ao social humanos. Não há como se pensar em interação verbal sem diálogo (o autor deixa de lado o diálogo monológico), e diálogo e interação são inseparáveis. “Diálogo” é compreendido como fenômeno da ‘cultura’ e da ‘natureza’ e a noção de “interação” está ligada à psicologia, à biologia e à reflexologia. Assim, há um caráter precursor na referida obra, como bem aponta Cunha (2016), no que diz respeito aos estudos dialógicos russos, como também no tocante aos estudos da análise da conversação, do diálogo e da interação, que apareceram, quarenta anos depois, nos EUA, na Europa e no Brasil.

1 O CÍRCULO DE BAKHTIN⁶

O chamado Círculo de Bakhtin diz respeito a um grupo de intelectuais que se reuniram de forma regular e sistemática no período de 1919 a 1929, nas cidades russas de Nevel e Vitebsk e, em seguida, em São Petersburgo, que à época era chamada de Leningrado. Esses intelectuais possuíam as mais distintas formações acadêmicas e atuações profissionais, a saber: Matvei I. Kagan (filósofo), Ivan I. Kanaev (biólogo), Maria Y. Yudina (pianista), Lev V. Pumpianski (professor e estudioso de literatura) e, os três mais conhecidos do

⁶ Em Faraco (2010, p. 13) encontramos uma breve explicação para o destaque ao nome de Mikhail Bakhtin para denominar o Círculo. Segundo esse estudioso, “a escolha do nome de Bakhtin, neste caso, é plenamente justificável, tendo-se em conta que de todos foi ele quem produziu, sem dúvida, a obra de maior envergadura.”

grupo, Mikhail M. Bakhtin⁷ (filósofo), Valentin N. Volóchinov⁸ (professor de história da música e de estudos linguísticos) e Pavel N. Medviédev⁹ (teórico e historiador da literatura).

As ideias oriundas do Círculo, conforme já apresentou Sobral (2009, p. 23), podem ser descritas resumidamente da seguinte forma:

1. O interesse pela ação dos sujeitos falantes, contrariando a linguagem fechada e contrariando o texto enquanto documento histórico;
2. O interesse pelo discurso interior, um olhar sobre o aspecto psicológico da linguagem, contrariamente ao sistema linguístico como algo que está acima do psiquismo dos seres humanos sem a participação efetiva destes;
3. O destaque maior no aspecto social da linguagem, de viés marxista e que enfatiza o papel social da linguagem, contrariando uma concepção a-social e a-histórica da linguagem, de cunho subjetivista.

Como podemos perceber, as ideias do chamado Círculo de Bakhtin são abrangentes e profundas, indo além de aspectos estruturais e desprovidos do social. Acreditamos, assim como Sobral (2009), que o Círculo foi além de uma teoria do discurso, propondo uma “semiótica da cultura”, sob um viés filosófico, alicerçada em uma metodologia que supera, e muito, fórmulas ou técnicas de análise.

⁷ Mikhail Mikhailovich Bakhtin (em russo: Михаи́л Миха́йлович Бахт́ин) nasceu em 1895 em Oriol. Teve formação em estudos literários. Em 1929, foi condenado ao exílio no Cazaquistão. Após a 2ª Guerra Mundial, tornou-se professor no Instituto Pedagógico de Saransk. Em 1940, apresenta à comunidade científica sua tese de doutoramento “Rabelais e a cultura popular”, porém, devido à Segunda Grande Guerra, só conseguiu defender sua tese em 1946. Conforme nos fala Fiorin (2008), podemos compreender Bakhtin em vários, a saber: o interacionista, o marxista e o linguista. Morreu em 1975 na região da cidade de Moscou.

⁸ Valentin Nikoláievitch Volóchinov (em russo: Валенти́н Никола́евич Воло́шинов) nasceu em 1891. Em 1927, se formou em estudos linguísticos, dedicando-se, também, a estudos de pós-graduação na área. Entre 1924 e 1932, desenvolveu estudos e atividades no Instituto Estatal da Cultura Linguística, na Rússia. Torna-se, nesse contexto, amigo de Bakhtin. Antes de morrer, desenvolve palestras e atividades acadêmicas sobre crítica de arte e literatura na Universidade Proletária, universidade essa fundada por Medviédev. Em 1936, então com 41 anos, morre vítima de tuberculose.

⁹ Pável Nikoláievitch Medviédev (em russo: Павел Николаевич Медведев) nasceu em 1891/1892. Formado em Direito, desenvolveu atividades no jornalismo cultural e também na educação, em Leningrado, no Instituto Pedagógico Herzen. No início da década de 1920, com Bakhtin, desenvolveu estudos sobre poética. Opondo-se ao método formal dos estudos literários, desenvolve uma teoria da literatura, com fins para a poética sociológica para os estudos da literatura. Em 1938, “vítima de expurgos políticos que varreram a URSS no fim da década de 1930” (FARACO, 2009, p. 13), morre fuzilado.

Assim, a partir dessa breve contextualização, passemos para alguns pontos teóricos das ideias do Círculo de Bakhtin que julgamos ser de grande importância, por meio de uma sistematização necessária para ampliar as leituras e análises já existentes. Iniciaremos com os gêneros do discurso, passando pelo ato ético e responsável, chegando ao dialogismo, à interação, à palavra ideológica e à significação e ao tema dessa palavra, e, por fim, trataremos do discurso de outrem.

2 SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO DE PLATÃO A BAKHTIN

Platão, em *A República*, inicialmente, propõe uma classificação binária no que diz respeito ao que, naquele momento, compreendeu-se por gênero, no contexto da poética: os chamados ‘gêneros sérios’ eram a epopeia e a tragédia; os ‘gêneros burlescos’, comédia e sátira. Mais adiante, propõe uma tríade (criada a partir da relação entre realidade e representação): no gênero mimético ou dramático, tragédia e comédia; no gênero expositivo ou narrativo, ditirambo¹⁰, noma e poesia lírica; no gênero misto, a epopeia. Tudo isso, então, foi a base para a *Poética* de Aristóteles. Esse, por sua vez, trata os gêneros como obra da voz a partir de critérios, por exemplo, o modo de representação mimética. Conforme resume Machado (2013, p. 151), para Aristóteles, “a poesia de primeira voz é representação lírica; a poesia de segunda voz, da épica, e a poesia de terceira voz, do drama.” Em resumo, reafirmando o que disse Machado (2013), essas são as linhas gerais da teoria e que serve de orientação à análise de tudo o que, hoje, compreendemos por gêneros.

Na *Poética* e na *Retórica*, os estudos dos gêneros se estruturaram, como apresentamos acima. No entanto, foi na *Literatura* que a classificação aristotélica ganhou, por assim dizer, uma consagração. Ainda concordamos com Machado (2013, p. 152), quando afirma que a prova de tal consagração se deveu ao fato de “a teoria dos gêneros ter se tornado a base dos estudos literários desenvolvidos no interior da cultura letrada”.

Em seguida às ideias aristotélicas de gêneros, surgiu a prosa comunicativa que, com seu surgimento, apareceram também parâmetros analíticos das formas interativas realizadas pelo discurso. Nesse contexto, a teoria do famigerado Círculo de Bakhtin, em especial, para este tópico, dos gêneros do

¹⁰ Canto ritual dionisíaco. Para maiores informações, sugiro a leitura de Oliveira e Geraldo, 2016.

discurso¹¹ que considera não a classificação das espécies ou formas físicas, mas o dialogismo do processo de comunicação, foi de grande valia para a ampliação do debate que começa, com uma certa emergência, a surgir. Nesse contexto, as relações de interação são processos altamente produtivos da linguagem humana.

Com Bakhtin, foi possível mudar o percurso dos estudos sobre gêneros, porque, conforme já afirmou Machado (2013), esse autor foi além das formas poéticas. Bakhtin não considera apenas a retórica, mas, veementemente, as práticas prosaicas que vários usos “linguageiros” fazem do discurso, como uma manifestação plural. Considerando tais observações, percebemos um distanciamento do universo teórico da teoria clássica abrindo, então, um espaço para manifestações discursivas da heteroglossia, ou seja, das várias codificações que não se restringem apenas à palavra (MACHADO, 2013).

A PROSIFICAÇÃO NECESSÁRIA AOS ESTUDOS DOS GÊNEROS

O dialogismo preenche uma lacuna que a Poética de Aristóteles deixou de lado, juntamente com a retórica: o domínio da prosa. Bakhtin, então, situou suas reflexões nas interações dialógicas constituídas por várias realizações discursivas. Tudo isso, sob a luz de sua grande paixão: o romance. Diante disso,

(...) A valorização do romance nos estudos de Bakhtin não se deve ao fato de ele ser o gênero maior da cultura letrada. Na verdade, o romance só lhe interessou porque nele Bakhtin encontrou a representação da voz na figura dos homens que falam, discutem ideias, procuram posicionar-se no mundo. Isso para não dizer que, no romance, a própria cultura letrada se deixa conduzir pelas diversas formas discursivas da oralidade contra as quais ela se insurgira. Além disso, por se reportar a diferentes tradições culturais, o romance surge como um gênero de possibilidades combinatórias não apenas de discursos como também de gêneros. (...) (MACHADO, 2013, p. 153)

Assim, as formas de comunicação interativa, somadas as suas combinações, contribuíram com o avanço da cultura prosaica de valorizar ações cotidianas

¹¹ Fundamento-me na tradução de Paulo Bezerra publicada em 2016 pela editora 34, com notas da edição russa de Serguei Botcharov.

dos sujeitos comuns e também de seus enunciados¹². Concordamos com Machado (2013) ainda quando afirma que gêneros da prosa são combinações de formas pluriestilística, como a estilização, linguagem carnalizada, paródia e heteroglossia, que são elementos essenciais a partir dos quais os gêneros prosaicos se organizam. Essas características e mobilidades discursivas, então, criaram a emergência da prosa e, por sua vez, o consequente processo necessário à cultura: o de prosificação.

Olhando o mundo pela ótica da prosa, a cultura então se prosifica, já afirmava Bakhtin. Ela está na voz, está na poesia, está no diálogo. O autor russo sugere um campo conceitual, a “prosaica”¹³, que permite a possibilidade da construção de um sistema teórico ligado à produção cultural da civilização ocidental. Essa prosificação da cultura se trata da criação de um campo de luta, de uma arena discursiva, na qual é possível debater ideias e criar pontos de vista sobre o mundo, sobre o que está ao redor. A prosa, por fim, só existe na interação.

(...) A prosa corresponde, assim, àquelas instâncias da comunicação em que os discursos heterogêneos entre si são empregados ainda que não haja nenhuma regra combinatória aparente. Por ser fenômeno de emergência na linguagem, a prosa não nasceu pronta: ela continua se fazendo, desde seu surgimento, graças à dinâmica dos gêneros discursivos. (...) (MACHADO, 2013, p. 155)

GÊNEROS: TIPOS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS DE ENUNCIADOS

Arelado às esferas prosaicas da linguagem, os gêneros do discurso são formados por enunciados orais e escritos, concretos e únicos, propagados pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Conforme já afirmou Bakhtin (2016), esses enunciados refletem em si condições específicas e finalidades de campo da atividade humana, não apenas pelo conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua forma composicional. Esses elementos – conteúdo, estilo e forma composicional – estão ligados no todo do enunciado, sendo determinados pela especificidade

¹² Usamos o termo “enunciado” a partir da tradução e explicação de Paulo Bezerra, na obra “Os gêneros do discurso”, publicado pela editora 34 em 2016. (Ver nota de rodapé 10).

¹³ Prosaica, termo sugerido por Bakhtin. Termo conceptualizado por Gary Saul Morson & Caryl Emerson (1990), conforme Machado (2013).

de um campo da comunicação humana. Cada campo cria seus gêneros do discurso, que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p.12).

Os gêneros do discurso são incontáveis, porque também são incontáveis as possibilidades de (re)criação da atividade humana e porque, em cada campo dessa atividade, surge a criação de repertório de gêneros do discurso, que vai crescendo e se diferenciando à medida que esse campo avança e ganha complexidade. É importante, como bem deixou claro o próprio Bakhtin, que a heterogeneidade não pode ser desconsiderada dos gêneros do discurso, orais e escritos. Para o referido teórico russo, essa heterogeneidade em hipótese alguma deve ser minimizada, mesmo tornando difícil definir a natureza geral do enunciado.

Nesse contexto, Bakhtin (2016), chama-nos a atenção para a distinção conceitual do que sejam gêneros discursivos primários (simples) e gêneros discursivos secundários (complexos), deixando claro que não se trata apenas de uma diferença funcional. Os gêneros primários (simples) surgem a partir de situações de comunicação imediata. Os gêneros secundários (complexos) nascem a partir das condições de um convívio cultural extremamente mais complexo, mais desenvolvido e mais organizado (predominantemente, o escrito) a partir das esferas sociais de circulação, como, por exemplo, política, cultural, científica etc.. Os gêneros secundários incorporam os primários, reelaborando-os. Esses gêneros simples, conforme Bakhtin (2016), ao fazerem parte dos gêneros complexos, transformam-se e perdem o vínculo especial e imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios.

Para Bakhtin (2016), essa relação entre os gêneros primários e os gêneros secundários, bem como o processo de formação história desses últimos, traz à tona a natureza do enunciado, que é de grande importância “para quase todos os campos da linguística e da filologia” (p. 16), porque para o teórico russo, todo trabalho contendo material linguístico concreto surge, inevitavelmente, à luz de enunciados concretos, sejam eles orais ou escritos, relacionados, por sua vez, a diversos e abrangentes campos da atividade humana e da comunicação.

Para Bakhtin,

(...) O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (...) (2016, p. 16)

Em outras palavras, Bakhtin afirma que, para estudar os gêneros do discurso, em hipótese alguma devemos apenas nos deter aos aspectos gramaticais que o compõe, mas, acima de tudo, entender que a criação e o uso desses gêneros atrelam-se à vida dos seus sujeitos, aos contextos socioculturais nos quais esses sujeitos estão e, conseqüentemente, produziram e usaram esse ou aquele gênero. Não é à toa que Bakhtin diz que as relações da língua atrelam-se à vida de quem a usa. Gênero do discurso, portanto, é língua viva, é uso, é história, é vida. Para usarmos as palavras do próprio autor, “o enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional” (BAKHTIN, 2016, p. 17).

Na esteira dessa discussão, Bakhtin (2016) deixa clara a importância do estilo para os estudos dos gêneros do discurso, afirmando que o estilo está indissociavelmente ligado ao enunciado e às suas formas típicas, em outras palavras, aos gêneros do discurso. Todo e qualquer enunciado, então, seja oral ou escrito, primário ou secundário, independentemente do campo social no qual esteja, é individual, podendo, assim, refletir a individualidade do falante, em outras palavras, pode ter ‘estilo individual’. No entanto, para esse autor, nem todos os gêneros propiciam tal reflexão, ou seja, podem não refletir esse estilo individual. Para Bakhtin, então, o estilo não faz parte do plano do enunciado, sendo apenas um produto complementar.

Segundo o autor, os estilos de linguagem são estilos de gêneros de dadas esferas da atividade humana e da comunicação. Há gêneros que correspondem às condições específicas de determinado campo social, assim como são empregados – são, portanto, a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Nesse viés, para o referido autor, uma função, somada a determinadas condições de comunicação discursiva, origina determinados gêneros, em outras palavras, “determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2016, p. 18), sendo, portanto, o estilo inseparável de determinadas unidades temáticas e de determinadas unidades composicionais.

Ainda para Bakhtin,

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (2016, p. 20)

Assim, como os gêneros discursivos são a própria história do sujeito que o utiliza (ou fazem parte da história desse sujeito), sempre haverá estilo na produção e no uso do gênero por parte desse sujeito social e situado. O referido autor russo já disse, sob esse viés, que “onde há estilo há gênero”. Isso significa que é impensável tratar de gêneros do discurso e não pensar em estilo – já que esse estilo pode destruir ou renovar qualquer gênero, seja primário ou secundário. Para o autor, os estilos individuais e os estilos da língua satisfazem os gêneros do discurso.

Por fim, de maneira geral, sob o viés dos gêneros discursivos, o autor esclarece que a gramática e a estilística ora convergem, ora divergem para a compreensão de qualquer fenômeno concreto da linguagem, entendendo que “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico” (BAKHTIN, 2016, p. 22). Para Bakhtin, o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva ajudará o estudioso dos gêneros do discurso no tocante à compreensão mais correta da natureza das unidades da língua (ainda enquanto sistema), ou seja, ajudará na compreensão das palavras e orações.

3 SOBRE “PARA UMA FILOSOFIA DO ATO”¹⁴ OU “O DIALOGISMO NA CONSTITUIÇÃO DO EU NA VIDA SOCIAL”¹⁵

Em Para uma filosofia do ato (doravante PFA), Bakhtin objetiva apresentar um estudo no qual constrói uma “arquitetônica da existência”, centrada na vida do jeito que ela é, na existência, no “acontecimento”, no “evento”, no mundo vivido pelo sujeito, no “ato ético e estético”, desconsiderando toda e qualquer sistematização abstrata que, conforme o próprio Bakhtin, fundamentava a maioria das filosofias da época. Em outras palavras, o teórico russo propõe uma filosofia¹⁶ moral do ato, para quem a vida só tem sentido à luz da responsabilidade. Dito de outro modo, o sentido da vida e de tudo o que a constitui está no ato responsável.

¹⁴ Menção direta ao título dos escritos de Mikhail Bakhtin, da década de 1920 e publicados pela primeira vez em 1986. Conforme Brait (2016), PFA é um dos textos mais difíceis de toda a obra do Círculo, devido ao seu teor altamente filosófico e ao diálogo polêmico estabelecido com diversas correntes filosóficas.

¹⁵ Sobral (2009, p. 24)

¹⁶ Para não fugir do foco desta parte do ensaio, que é apenas o de apresentar em linhas gerais as principais ideias bakhtinianas (a meu ver, as mais usadas), sugiro a leitura de Faraco (2017), em que este autor apresenta, de forma concisa, porém com profundidade, as relações dialógicas, com várias vertentes teóricas, que podem ser encontradas em PFA.

Em linhas gerais, conforme já afirmou Sobral (2009, 2019), PFA é uma proposta de estudo do agir humano no mundo concreto no qual o sujeito se encontra, mundo esse que é social e histórico, estando, então, sujeito a mudanças, não apenas do ponto de vista de aspectos materiais, mas, sobretudo, do ponto de vista da forma como os seres humanos concebem esse mundo simbolicamente, ou seja, através de alguma linguagem, além de agirem nessas condições em determinadas circunstâncias.

Nesses termos, à luz das ideias contidas em PFA, compreendemos que o ato ou ação são constituídos de atos,

[...] porque minha vida inteira como um todo pode ser considerada um completo ato ou ação singular que eu realizo: eu realizo, isto é, executo atos, com toda a minha vida, e cada ato particular e experiência vivida é um momento constituinte da minha vida – da contínua realização de atos [...] (BAKHTIN, 1993, p. 21)

Em outras palavras, a partir do que nos diz o próprio autor russo, o ato é o aspecto geral do agir humano, geral no sentido de estar atrelado à “vida inteira”, é uma ação singular realizada pelo “eu no mundo”, que é histórico e social. Os atos, por sua vez, podem ser compreendidos como os aspectos particulares do ato, ou seja, “eu executo atos” e cada ato que forma o ato é um momento que constitui a vida do sujeito, à luz da citação, o “eu”. Conforme o próprio Bakhtin (1993, p. 23), “e tudo é um ato ou ação que eu realizo – até mesmo o pensamento e o sentimento”.

É perceptível em PFA que todos os atos que compõem o ato apresentam alguns elementos: o sujeito que age, um lugar no qual esse sujeito age e o momento histórico e social no qual esse sujeito age. Tais elementos são perceptíveis tanto nos atos realizados com outros sujeitos presentes, quanto nos atos realizados quando outros sujeitos não estão presentes, aos atos cognitivos desprovidos de expressões linguísticas etc. Podemos tratar, com isso, do que chamaremos aqui de uma “tríade indissociável”, tendo em vista que o ato responsável é constituído pelo agente, pelo processo e pelo produto. Diante disso, conforme bem falou Sobral (2009, p. 24), ao analisar PFA, podemos entender que “[...] Falar de ato, portanto, pressupõe dois planos, um plano de generalidade, dos atos em geral, e um plano de particularidades, de cada ato particular, planos esses que estão necessariamente interrelacionados.”

Temos que deixar claro que tais planos são categorias filosóficas (FARACO, 2017), e Bakhtin considerava cada uma delas em PFA ao distinguir o “conteúdo do ato” – aquilo que o ato produz ao ser realizado, e o “processo do ato” – aquilo que o sujeito realiza (operações) para produzir atos. Nessa concepção bakhtiniana, vemos, então, o processo, o produto e o agente como elementos que constituem o ato. Percebemos que o agente do processo, e não apenas o processo e o produto (o ato por si mesmo), é tido como importante. Além disso, as características singulares de cada ato são consideradas também como importantes, pelo fato de que para o autor russo, a vida e o mundo concreto, que é histórico e social, são a vida dos sujeitos concretos, que realizam atos concretos e irrepetíveis. É a vida prática, em outros termos. E essa vida é entendida em PFA como sendo de cada sujeito, constituída por uma sequência de atos concretos, singulares e irrepetíveis, atos únicos, que não são, em hipótese alguma, iguais aos outros já realizados ou que ainda se realizarão, tendo apenas alguns elementos comuns com outros atos já realizados e que se realizarão, compondo, então, o ato.

Para Bakhtin (1993, p. 46),

O ato responsável ou ação, sozinho, supera toda hipótese – porque ele é, afinal, a atualização de uma decisão – inescapável, irremediável e irrevogavelmente. O ato realizado responsabilmente é um resultado ou soma final, uma consumada conclusão definitiva. O ato realizado concentra, correlaciona e resolve dentro de um contexto unitário e único, e, desta vez, contexto final, tanto o sentido como o fato, o universal e o individual, o real e o ideal, porque tudo entra na composição de sua motivação responsável. O ato realizado constitui uma passagem, de uma vez por todas, do interior da possibilidade como tal, para o que ocorre uma única vez.

Como podemos observar, para Bakhtin, o ato concentra o sentido, o fato, o universal, o individual, o real e o ideal, porque, conforme afirmamos anteriormente, para ele, o ato está atrelado ao social e ao histórico, sendo irrepetível, mesmo havendo alguma relação com outros atos já realizados ou que se realizarão. O ato realizado pelo sujeito se constitui para a possibilidade de algo que acontece uma única vez, por isso, a crítica do autor russo ao chamado “teoreticismo”, que está relacionado a várias teorizações filosóficas e a outras que apagam a especificidade de cada ato. Bakhtin

afirma que não há nada, de dentro do próprio ato, tomado em seu todo indivisível, que seja subjetivo e psicológico. Significa dizer, usando o discurso do próprio teórico, que “O ato realmente realizado em seu todo indivisível é mais do que racional; ele é responsável. A racionalidade é apenas um momento da responsabilidade.” (BAKHTIN, 1993, p. 47 – grifos do autor).

Essa responsabilidade, como podemos ver em toda a leitura de PFA, está atrelada ao componente do “Ser-evento”, responsabilidade dos atos em função da situação histórica e social. Na visão do próprio Bakhtin (1993), fora do ato não há realidade, nada é real. Para ele, o ato se desenvolve em um mundo ímpar, singular, vivido de maneira concreta pelos sujeitos, que é concreto, real, social e histórico.

Bakhtin (1993) compreende o ato como “ato-efeito”, portanto, ato em processo de realização. Concordamos com Sobral (2009, p. 29), quando fala do “ato-efeito” em que são encontradas duas implicações nisso: a primeira, que o agente age em uma situação concreta, organizada, à luz de práticas sociais e históricas, que limitam possibilidades de atos e de forma de concretização/realização de atos; a segunda, tais circunstâncias específicas devem ser consideradas em todo e qualquer entendimento de atos, tendo em vista que sem elas os atos são incompreensíveis. Essas práticas nos levam a entender que temos grupos humanos e não humanos isolados, situações reais e concretas, intenção do humano/sujeito de realizar atos e, por fim, realizações concretas conforme formas de aceitação da realização.

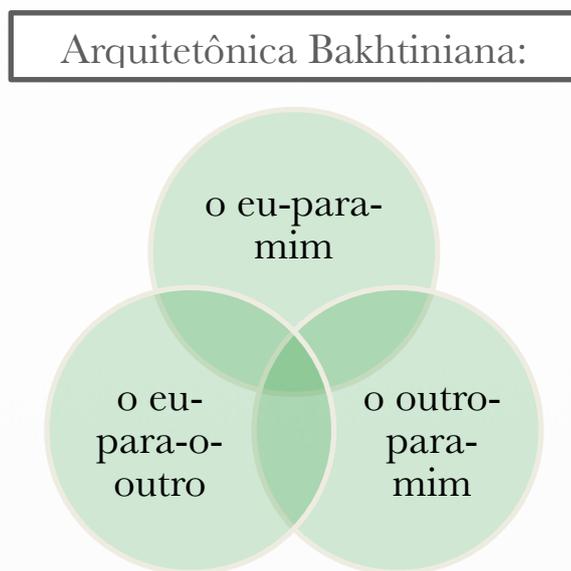
Destacamos o sujeito ético, pensando em responsabilidade ética (atitude ativamente responsável) e responsividade aos outros sujeitos. Bakhtin afirma que “não há alibi na existência”, fazendo-nos entender que os atos realizados pelo humano/sujeito são de sua inteira responsabilidade, sendo também responsivos aos outros sujeitos no contexto das práticas nas quais os atos são realizados.

É pensando nessa responsabilidade e nessa responsividade quanto aos outros sujeitos, que concordamos com o autor russo que o mundo é concretamente individual, real e irrepitível, formado também por momentos comuns, “não no sentido de conceitos universais ou leis, mas no sentido de momentos ou constituintes em suas várias arquitetônicas concretas” (BAKHTIN, 1993, p. 71).

Essa arquitetônica concreta desse mundo real, no qual o ato responsável é realizado, não é um mero esquema abstrato, mas é o plano concreto do mundo de uma ação ou ato único. Nesse contexto, o teórico russo nos apresenta essa arquitetônica que é formada por aquilo que ele

mesmo chama de “os momentos básicos concretos de mútua construção da ação ou de um ato unitário”. Vejamos:

Figura 1: Arquitetônica bakhtiniana



Fonte: Bakhtin, 1993, p. 71-72

O “eu-para-mim” diz respeito ao eu voltado para mim mesmo; o “outro-para-mim” atrela-se à iniciativa do outro de se aproximar de mim; o “eu-para-o-outro” diz respeito à minha iniciativa de querer ou realmente me aproximar do outro. Para Bakhtin (1993), esses pontos básicos arquitetônicos e indissociáveis compõem o mundo real, constituído do ato realizado de maneira responsável e responsiva. Podemos falar, então, de valores: científicos, estéticos, políticos e religiosos. Esses valores espaço-temporais, além de todos os valores de conteúdos, são atraídos e concentrados em torno desses momentos da arquitetura bakhtiniana; momentos esses que são centrais e emocionais-volitivos: o eu, o outro e o eu para o outro.

[...] Bakhtin considera legítimo que o eu saia de si para aproximar-se do outro, e vice-versa, mas afirma enfaticamente que essa saída deve ser sempre seguida de uma “volta a si”: aquele que se põe no lugar do outro e não volta ao lugar que lhe pertence é infiel a si e ao outro! Porque cada sujeito ocupa um lugar ímpar, peculiar e irrepetível, insubstituível no mundo. Portanto, as relações entre sujeitos não submetem os sujeitos, singulares, ao coletivo de sujeitos, despersonalizando-os, e ao mesmo

tempo não atribui a cada sujeito a possibilidade de se sobrepor ao coletivo, tornando-se autárquico. Portanto, exige coerentemente de cada sujeito a responsabilidade por seus atos e obrigações éticas com relação aos outros sujeitos. (SOBRAL, 2009, p. 30).

Significa dizer que seria um ‘ato irresponsável’ o eu chegar ao outro e não voltar a si. Os aspectos sociais e históricos, nessa ausência de regresso do eu, estariam seriamente comprometidos, tendo em vista que esse social, esse histórico, esse situado não podem, em hipótese alguma, ser desconsiderados. A vida não pode ser compreendida nessa irresponsabilidade de um não regresso desse eu, mas deve ser compreendida, de forma consciente, na concreta responsabilidade da ida do sujeito ‘eu’, como também de sua volta, de seu regresso. Essa vida, para Bakhtin (1993, p. 74), nessa saída e nesse regresso, só pode ser compreendida como um “evento em processo”, e não como um Ser enquanto um mero dado. Para Bakhtin, se a vida se afasta de sua responsabilidade não pode ter uma filosofia. Em outras palavras, a vida constituída, do que estamos chamando aqui de “atos irresponsáveis”, será incapaz de ser enraizada, sendo, portanto, “fortuita” – para usar uma palavra do próprio Bakhtin.

Quando o sujeito age, no ato, deixa sua “assinatura” tendo, portanto, que se responsabilizar, pessoalmente, por esse ato, inclusive junto à coletividade constitutiva do ‘outro’ (uma pessoa, um grupo social e, em última instância, a humanidade como um todo) no mundo. Para o filósofo russo, esse mundo é visto, ouvido, tocado e pensado, um mundo, portanto, impregnado de “tons emocionais-volitivos da validade afirmada dos valores” (VOLÓCHINOV, 2018). A realidade única e unitária desse mundo, nos ditos bakhtinianos em PFA, é garantida pelo reconhecimento da participação do sujeito, participação essa que é única no mundo, pelo “não-álibi” nele. Essa participação, quando reconhecida, produz um “dever”: “o dever de realizar a inteira unicidade, a unicidade totalmente insubstituível de ser, com relação a cada constituinte desse ser [...]” (BAKHTIN, 1993, p. 74 – itálicos do autor russo).

À luz desse dever, o sujeito/agente deve realizar uma valoração/avaliação dos próprios atos realizados, sendo, então, essa valoração o elemento que unifica os atos de sua atividade. Estamos, neste momento, falando de uma avaliação que se deve responsável, na qual se faz presente o processo do ato, o conteúdo do ato e o agente desse ato – sujeito avaliador de seus atos/feitos singulares no contexto da generalidade dos atos/atividades. Devemos

entender que nisso o sujeito não está sozinho. O seu agir é, então, uma sequência de atos que caminham entre o geral e o particular, tendo um caráter situado, avaliativo e responsável.

No mundo, portanto, os sujeitos são responsáveis pelos seus atos. Além disso, devem valorar, ou seja, avaliar o ato, entendendo que esse ato é de sua intrínseca responsabilidade. O eu não está só. O eu mantém relação com o outro. O outro mantém relação com o eu – e, nessa relação responsável e responsiva, temos o dialogismo, a interação, a palavra como itens que, também, compõem o ato responsável – elementos debatidos na próxima seção. Nessa arquitetônica, esse mundo concreto e real se dispõe em torno de um centro valorativo concreto, i. e., de uma constante avaliação por parte do eu. Esse centro, conforme nos diz o próprio Bakhtin, é o ser humano: “tudo nesse mundo adquire significância, sentido e valor em correlação com o homem”, a partir dessa arquitetônica. Assim, “o centro de valor na arquitetônica-evento [...] é o homem como uma realidade concreta afirmada com amor [...]” (BAKHTIN, 1993, p. 81).

4 SOBRE O DIALOGISMO, A INTERAÇÃO, A PALAVRA IDEOLÓGICA, O SIGNIFICADO E O TEMA

Bakhtin (2016), em *Notas sobre a literatura, cultura e ciências humanas*¹⁷, expressa muito bem, a nosso ver, o que, à luz das ideias do referido autor, podemos compreender sobre ‘dialogismo’ ou sobre a concepção dialógica da linguagem que se encontra nas obras do Círculo. O referido autor nos diz que

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma

¹⁷ Publicada pela Editora 34, com organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra e com notas da edição russa de Serguei Botcharov.

renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. *Questão do grande tempo.* (BAKHTIN, 2016, p. 79 – itálicos do próprio autor).

Percebemos que temos a palavra como elemento primeiro, mas não único, desse dialogismo. Essa palavra, “ideológica por excelência”, usada pelos sujeitos, à luz de atos responsáveis e responsivos¹⁸ faz parte de um contexto dialógico, para o qual não há limites, porque ele está associado ao que já foi quanto ao que ainda será. Conforme podemos constatar na citação acima, em qualquer momento de desenvolvimento do diálogo, havemos de encontrar massas imensas e ilimitadas de sentidos já atribuídos e, muito provável, esquecidos, mas também, em dados momentos de sucessivo diálogo, esses mesmos sentidos, outrora esquecidos, serão lembrados e por sua vez renovados para o momento social e histórico para o qual estão sendo produzidos e compartilhados. Teremos, assim, a “festa da renovação” do(s) sentido(s) no diálogo travado.

Conforme os ditos bakhtinianos, os sentidos são construídos pelos sujeitos ativos, ou seja, pelos agentes (elemento básico na composição e no entendimento do ato responsável): o ato verbal, o processo de troca linguística, no qual os enunciados são produzidos, e esses enunciados pressupõem uma enunciação e cada enunciação suscita um enunciado, afinal, “o enunciado é de natureza social.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 200). Em outras palavras, para Bakhtin (2016), o diálogo, que é social, não se repete de forma absoluta, no entanto, não deve ser compreendido como algo total e completamente novo, pelo simples fato de reiterar marcas históricas e sociais, que demonstram uma dada cultura, uma dada sociedade, um dado momento social e histórico. (MARCHEZAN, 2012).

É importante deixarmos claro que esse dialogismo não se trata do diálogo entre duas pessoas, no sentido de uma conversa à mesa de um restaurante, por exemplo. Esse diálogo é um fenômeno textual, também compreendido como um procedimento discursivo, que compõe o dialogismo, sendo, portanto, um dos níveis mais evidentes da materialidade discursiva.

Esse diálogo, então, deve ser compreendido como a alternância entre enunciados, entre sujeitos falantes e ativos, entre diversos posicionamentos e

¹⁸ É importante deixarmos claro que, conforme Sobral (2009), compreendemos o diálogo como elemento primeiro desse dialogismo, sendo, então, criado a partir de atos conscientes, responsáveis – por isso estamos inserindo o conceito de ‘ato responsável’ como importante na construção do diálogo, já que esse diálogo é consciente, portanto, dotado de sentidos.

abrangentes contextos. Esse diálogo é a forma mais clássica da chamada “interação discursiva”¹⁹. Cada réplica, sendo fragmentária e breve, expressa a “posição do locutor”, sendo possível, então, para essa réplica, se ter uma “posição responsiva”. Podemos reconhecer, nessa “interação”, a reciprocidade entre o eu e o outro, fazendo-nos compreender o verdadeiro diálogo “real”, concreto, oriundo da responsabilidade e da responsividade dos sujeitos envolvidos. Diálogo e enunciado são, portanto, conceitos interdependentes.

O enunciado será definido pela “situação social mais próxima”, sendo construído entre dois indivíduos socialmente organizados, e na iminente ausência de um desses indivíduos, que podemos chamar de “interlocutor real”, a lacuna desse indivíduo será preenchida pela “imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (VOLÓCHINOV, 2018). E essa “situação social” ganhará sentido, nessa relação entre os interlocutores reais, a partir da palavra, em que

[.] A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado. [...] (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205 – itálicos do autor russo).

Como podemos perceber, a “interação discursiva” origina-se a partir de uma “palavra bilateral”, ou seja, essa palavra “é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem ela se dirige [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205 – itálicos do autor russo), sendo assim compreendida como uma palavra ideológica. Nessa interação, toda e

¹⁹ É pertinente transcrevermos aqui a nota de rodapé contida em *Maxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, onde as tradutoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo deixam claro o porquê da expressão “interação discursiva”. Eis a nota de rodapé: “Optamos por traduzir a expressão russa *retchevóie vzaimodíelstvie* por “interação discursiva”, uma vez que se trata do uso concreto da língua em uma situação social mais próxima e em um meio social mais amplo, resultando no enunciado. Além disso, o adjetivo *retchevói* (“discursivo” ou “de discurso”) é o mesmo que aparece no título do famoso texto de Bakhtin “*Os gêneros do discurso*” (ed. bras.: Mikhail Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2016). (N. da T.)” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 211)

qualquer palavra serve de expressão de um sujeito em relação a outro sujeito. A palavra é o elo entre o eu e o outro. A palavra é o território comum existente entre o falante e o interlocutor, falante aqui, conforme o Círculo, é entendido como o dono indiscutível da palavra no momento do enunciado; palavra essa que é produzida sob à luz de uma responsabilidade ética, num contexto social e histórico. Essa palavra é constituída de uma significação e um tema.

A significação (VOLÓCHINOV, 2018 – itálicos do autor) é um estágio menor, inferior, inicial da capacidade de significar. Ela é única. Apresenta, apesar de vários e a depender da palavra, um único sentido e está presente em qualquer enunciado, ou seja, é totalizante. A significação é própria dos signos linguísticos, assim como das formas gramaticais da língua. Podemos também compreendê-la como sendo o sentido que tais signos linguísticos assumem a partir dos usos reiterados, repetidos, com esse ou aquele significado. A significação, portanto, é “um estágio mais estável dos signos e dos enunciados”, considerando que tais signos são frutos de uma convenção, sendo (muitos) registrados nos dicionários, “podendo ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido”. (CEREJA, 2013, p. 220).

O tema (VOLÓCHINOV, 2018 – itálicos do autor), por sua vez, é inseparável do enunciado, estando fora do próprio enunciado, sendo, então, uma expressão histórica e concreta de uma determinada situação (CEREJA, 2013). O tema é totalmente dependente dos sujeitos que estão envolvidos na situação de comunicação, no uso da palavra e nas vozes que se fazem ouvir no processo de interação verbal, portanto, é único e irrepetível. Na composição do tema não temos apenas a presença de elementos linguísticos e estáveis, mas também a presença de elementos extraverbais, que compõem a situação de produção, recepção, circulação e uso no processo de comunicação.

Com fins de simplificar e sistematizar mais simploriamente esses conceitos, a partir de Volóchinov (2018), apresentamos o seguinte quadro com as principais características da significação e do tema:

Quadro 1: Distinção entre “Significação” e “Tema” para o Círculo de Bakhtin

SIGNIFICAÇÃO	TEMA
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Junto com o tema, ou melhor, dentro dele; ✓ “aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos”; ✓ Decompõe-se em uma série de significações em conformidade com os elementos linguísticos; ✓ Não há significação sem tema; ✓ “a pluralidade de significações é uma propriedade constitutiva da palavra”; ✓ Palavra só adquire tema se se figurar na qualidade de um enunciado completo. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Individual e irrepitível como o próprio enunciado; ✓ Expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado; ✓ Não apenas formas linguísticas, mas aspectos extraverbiais da situação; ✓ É tão concreto quanto o momento histórico ao qual pertence; ✓ Não há tema sem significação; ✓ Deve se apoiar em uma significação estável – caso contrário, pode perder o sentido com o antes e o depois.

Fonte: Dantas (2021, p. 118 apud VOLÓCHINOV, 2018, p. 228-231)

Como podemos observar, a significação possui uma natureza abstrata, sendo (predominantemente) permanente e estável, estando para o signo abstrato, constituindo a palavra, já que sua existência é item constitutivo dos signos gramaticais existentes. O tema, conforme apresentamos no quadro acima, é individual e irrepitível como é o próprio enunciado, sendo capaz de expressar a situação histórica, concreta e real que fez gerar o enunciado. O tema está para além das formas linguísticas, atrelando-se, então, aos aspectos extraverbiais da situação social de comunicação, sendo concreto e único como é o momento histórico ao qual está vinculado.

Diante disso, à luz de Volóchinov (2018), a significação está para o inferior, atrelada à significação da própria palavra no sistema da língua, à palavra dicionarizada. O tema, por sua vez, é superior, estando para além da palavra enquanto sistema, enquanto palavra dicionarizada. Nesse embate do tema com a significação, temos o problema da compreensão.

A compreensão é ativa, porque os sujeitos envolvidos agem, interagem, determinam o tema no momento histórico e social no qual se encontram. A compreensão, para esse autor, possui um embrião de resposta, sendo essa compreensão ativa a responsável pela determinação e definição do tema, “pois um processo de formação só pode ser apreendido com a ajuda de outro processo de formação.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232).

Compreender um enunciado do outro, alheio, significa o sujeito ativo se orientar em relação a esse enunciado, encontrando um lugar devido no contexto correspondente. É uma ação de acrescentar no referido enunciado “uma camada de palavras responsivas”. Diante disso, “toda compreensão é dialógica”, sendo a busca de uma antipalavra à palavra do falante (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232).

No tocante à inter-relação entre avaliação e significação, é importante compreendermos que qualquer palavra, seja ela qual for, não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, mas uma avaliação, porque todos os conteúdos objetivos existem na palavra viva, sendo ditos e/ou escritos no tocante à certa ênfase valorativa, sendo que “sem uma ênfase valorativa não há palavra”. Em síntese, o tema se soma à significação para compor o resultado interacional da construção de sentido, numa (chamaremos de) “inter-relação valorativa”, porém, lembramos que o tema não é uma abertura a qualquer possibilidade de sentido, tendo que se apoiar em uma significação estável.

Essa construção de sentidos acontece no contexto social, formado de relações sociais, sendo o lugar no qual o enunciado se constitui. Para usarmos palavras do próprio integrante do Círculo, no caso, Volóchinov (2018, p. 206 – itálicos do autor), “a situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado”, ou seja, a situação forma o enunciado, tornando obrigado a soar de um jeito e não de outro jeito. Tal situação mais próxima, com seus participantes/sujeitos sociais próximos, determina, por assim dizer, a forma e o estilo oriundos do enunciado. Diante disso, as ligações sociais mais duradouras e essenciais determinam as camadas mais profundas do enunciado. Para Volóchinov (2018, p. 207), “o grau de consciência, de clareza e de constituição da vivência está proporcionalmente relacionado à orientação social” na/da qual o sujeito faz parte, sendo essa orientação social valorativa, porque não há vivência sem diferentes graus de consciência, precisão e diferenciação.

Essa vivência, conforme Volóchinov (2018), pode ser entendida a partir de dois polos, a saber:

- “vivência do eu” – que tende à eliminação, ou seja, perde sua forma ideológica, na medida em que se aproxima do limite, deixando, então, de ser concebida, aproximando-se da reação de um animal, portanto, fisiológica. Nesse caso, há a perda de todas as potencialidades de orientação social, por sua vez, há a perda da forma verbal. “Algumas vivências e até grupos inteiros podem se aproximar desse limite extremo, sendo privados de sua clareza e forma ideológica e demonstrando uma falta de enraizamento social da consciência” (p.208).
- “vivência do nós” – uma vivência, por sua vez, diferenciada. A ideologia e a consciência são proporcionais à orientação social, constituída de firmeza e convicção. “Quanto mais unida, organizada e diferenciada for a coletividade na qual se orienta um indivíduo, tanto mais diversificado e complexo será o mundo interior” (p.209).

Para Volóchinov (2018), existem inúmeros graus da “vivência do nós”, nos quais suas variadas formas ideológicas podem se manifestar de diferentes modos. Dentro da “vivência do nós”, há a “autovivência”, que é individual, diferenciada e acabada, sendo determinada por uma orientação social sólida e confiante. Não nos aprofundaremos nessa questão, mas é importante esclarecer, conforme as ideias do Círculo, que essa autoconfiança não vem de dentro, mas de fora, sendo resultante da “interpretação ideológica do meu reconhecimento social, da garantia dos meus direitos e do apoio e proteção objetivos concedidos por todo o regime político à minha atividade econômica e individual” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 210).

Não nos deteremos de forma aprofundada na questão da “auto-vivência”, porque, à luz da teoria do Círculo, a vivência está orientada para o exterior e não para o interior, para o individual. Em resumo, o “subjetivismo individualista”²⁰, que vê a essência da língua na criação individual e que tem como propriedade o ato de fala, deve ser deixado de lado, conforme o Círculo já defende. Essa orientação da estilística clássica, muito fortemente influenciada pelo pensamento de Wilhelm Humboldt, entende a enunciação como uma criação puramente psicológica, deixando claro que as leis que regem a criação da língua sejam as mesmas que venham reger a criação artística.

²⁰ Sobre a distinção conceitual tão cara às ideias do Círculo de Bakhtin, no que tange ao “subjetivismo idealista” e o “objetivismo abstrato”, sugerimos a leitura curta, porém bem acessível, de Silva e Leite (2013).

Para o Círculo, a organização de qualquer enunciado não se encontra no interior, mas no exterior, ou seja, no meio social que envolve o indivíduo. Nesses termos, o enunciado é compreendido como sendo um produto da “interação social”, seja a mais próxima, que é determinada pela situação da fala; quanto a mais distante, determinada pelo todo do conjunto das condições pertencentes a essa coletividade falante. Portanto, a realidade efetiva da linguagem, conforme nos esclarece Volóchinov (2018, p. 218-219 – itálicos do autor), diz respeito “ao acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados”. Dito de outra maneira, “a interação discursiva é a realidade fundamental da língua”.

Por fim, à luz dos postulados bakhtinianos, o diálogo não é a única forma de “interação discursiva”, apesar de ser importante e, sendo mais fiel à teoria e como bem afirmou Volóchinov (2018), a forma composicional mais prototípica. O diálogo pode ser entendido numa acepção mais ampla, mais abrangente e não apenas como a comunicação direta, objetiva e em voz alta entre sujeitos face a face. O diálogo, na abordagem dialógica da linguagem, é qualquer comunicação discursiva, não importando o tipo. E essa comunicação discursiva jamais poderá ser entendida distante, fora, longe dessa situação concreta. Assim, diante do exposto, “a língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 202 – itálicos do autor).

5 DO DISCURSO ALHEIO OU DO DISCURSO DE OUTREM COMO FENÔMENO SOCIAL DA INTERAÇÃO VERBOIDEOLÓGICA

É em *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)* – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem – que o Círculo, através de Valentin Volóchinov²¹, traz um debate de cunho sociológico em linguística, trazendo à tona a interação verbal, como fenômeno social, realizada por meio de enunciados.

²¹ É importante lembrar que utilizamos a edição de 2018, traduzida pelas professoras Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, diretamente do russo. Na referida edição, no ensaio introdutório assinado pela primeira professora, temos um delineamento do texto completo a partir da primeira edição publicada em solo brasileiro, datada de 1979 do século passado, chegando até aos detalhes, além do contexto histórico, cultural e social da primeira edição publicada de MFL em território russo no ano de 1929. A primeira edição em russo, conforme deixa claro Grillo (2018), apresenta na capa o nome de V. N. Volóchinov e isso faz com que haja um diálogo sobre a questão de autoria, fazendo com que se opte, na edição de 2018, por manter, conforme original russo, o nome de Volóchinov como autor de MFL. Não é nosso dever trazer tal discussão já bem desenvolvida em Grillo (2012; 2018), mas é pertinente esclarecermos ao leitor deste artigo que evidenciaremos (como já evidenciamos) o nome de Volóchinov.

Antes de seguirmos em nossa reflexão à luz da obra mencionada, é necessário esclarecermos que as gramáticas normativas/tradicionais limitam a compreensão de discurso citado apenas nos níveis morfológicos e sintáticos²², ao invés de irem além nos modos de uso e funcionamento do diálogo, observando os efeitos de sentidos (semânticos) produzidos por esses usos, bem como também detendo o olhar para a inter-relação estabelecida entre o contexto narrativo e o discurso citado. Com isso,

O principal erro dos estudiosos anteriores foi isolar, quase por completo, as formas de transmissão do discurso alheio do seu contexto de transmissão. Conseqüentemente, essas formas são definidas de modo estático e imóvel (no geral, essa imobilidade é típica de todo estudo científico da sintaxe). Entretanto, o verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido (“alheio”) e o discurso transmissor (“autoral”). Pois, na realidade, eles existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente, cada um por si. O discurso alheio e o contexto transmissor são apenas termos de uma inter-relação dinâmica. Essa dinâmica, por sua vez, reflete a orientação social mútua entre as pessoas na sua comunicação verboideológica (é claro, dentro das tendências essenciais e estáveis dessa comunicação). (VOLÓCHINOV, 2018, p. 255).

Como observamos nessa citação, a inter-relação é o item primeiro a ser considerado quando pensamos em discurso, construído a partir das práticas de construção de enunciados. Os discursos alheios e transmitidos, como bem afirmou Volóchinov (2018) nessa citação, existem, vivem e se entrelaçam justamente por meio dessas inter-relações languageiras que vão além dos aspectos gramaticais, mesmo tais aspectos sendo imprescindíveis no processo de organização discursiva. A relação verbal e ideológica, portanto, verboideológica, deve ser considerada no sentido de se compreender o processo de interação, não apenas como uma mera transmissão de

²² Como exemplificação, apontamos a célebre obra “Comunicação em prosa moderna” do saudoso professor Othon Moacir Garcia, que em 2017 completou 50 anos de publicação a contar de sua primeira edição. Apesar de inovadora, considerando em menor ou maior grau o contexto e a lógica no processo de comunicação humana, é uma prova, atual e brasileira, do que afirma Volóchinov (2018).

informação, considerando que a linguagem é totalmente interacional. Nesse contexto, o sujeito, quando fala ou escreve, apresenta em seu texto (no sentido amplo do termo) marcas de sua inserção histórico-social do grupo no qual está inserido, como seu núcleo familiar, suas experiências, bem como pressuposições dos interesses do seu interlocutor (o que esse gostaria de ouvir e/ou ler), tendo em vista seu contexto social. (SANTOS, 2013).

Como falamos anteriormente, Volóchinov não desconsidera os estudos sintáticos de sua análise, mas compreende que as formas sintáticas são as que mais se aproximam do enunciado, ou seja, das condições reais de fala (VOLÓCHINOV, 2018). Para o autor, os estudos das formas sintáticas são viáveis à luz de uma teoria das enunciações, que seja capaz de elucidar os problemas mais fundamentais da sintaxe, a partir do entendimento da comunicação verbal.

À luz desses problemas sintáticos, Volóchinov (2018) traz à tona o discurso citado (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre),

[...] as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações que encontram na língua como um fenômeno “nodal” e produtivo, pois a composição desse fenômeno serve para a transmissão das enunciações de outrem e para a integração dessas enunciações, enquanto enunciações de outrem, em um contexto monológico coerente. [...] (SANTOS, 2013, p. 169)

Diante disso, concordamos com Volóchinov (2018, p. 249 – itálicos do autor) para quem “O “discurso alheio” é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado. Em outros ditos, à luz de Francelino (2004) e Santos (2013), tendo a citação como um tema em relação ao que se enuncia, no discurso citado, essa citação pode se integrar à sintaxe do discurso que cita.

Estamos, então, diante do fenômeno da “reação da palavra à palavra” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 251 – itálicos do autor) que é diferente daquilo que, essencialmente, conhecemos como diálogo. Nesse, as réplicas são distanciadas gramaticalmente, não sendo também incorporadas num único contexto. No entanto, se o diálogo estiver incluso num contexto autoral, estamos, conforme nos deixa claro esse autor, diante de um caso de discurso direto, que é uma das formas do fenômeno do discurso citado.

Para Volóchinov (2018), e muito bem analisado por Cunha (1992), Francelino (2004), Ramos (2010) e Santos (2013), o estudo do diálogo se inicia a partir de uma análise profunda das formas de transmissão do discurso alheio, por transmitirem as tendências principais e recorrentes da “percepção ativa do discurso alheio” (itálicos do autor russo), que é imprescindível para o diálogo. Os seguintes questionamentos, então, ecoam:

De fato, como é percebido o discurso alheio? Como vive o enunciado alheio na consciência concreta intradiscursiva daquele que percebe? Como o enunciado alheio é transmitido ativamente na consciência do ouvinte? E como o discurso posterior do próprio ouvinte é orientado em relação ao discurso alheio? (VOLÓCHINOV, 2018, p. 252).

Tais indagações do próprio integrante do Círculo nos colocam na abordagem do fenômeno da transmissão do discurso na fala cotidiana e situada, partindo das formas típicas já mencionadas: discurso direto, indireto e indireto livre. E o que se propõe é uma análise sociológica do discurso de outrem, do discurso alheio, a partir dessas três formas típicas, considerando, em primeiro, o contexto narrativo, porque tanto as formas de apreensão, somadas à verbalização do discurso de outrem, são construídas em meio às tendências sociais estáveis, à luz de formas padronizadas para a sua introdução, resultando numa avaliação e valoração estética essencialmente sociais (SANTOS, 2013).

Diante de tudo isso, concordamos com Francelino (2005) para quem a abordagem do Círculo de Bakhtin, no que diz respeito ao discurso alheio, possibilita enfatizar as nuances e as particularidades que uma análise puramente sintática negligencia. Assim como apresentou Volóchinov (2018), as vozes, as relações dialógicas e as ideologias presentes na interação são responsáveis e fundantes na/para a compreensão do discurso do outro, bem como na construção do discurso do eu, lembramos aqui a “tríade indissociável” da arquitetônica bakhtiniana mais no início deste texto.

A língua não existe por si só, mas é um produto de um enunciado concreto que é/está ligado à interação social, sendo suas formas determinadas por questões socioeconômicas de uma determinada época. No bojo desse pensamento, Volóchinov (2018, p. 262 – itálicos do autor) propõe uma classificação por períodos, a saber: “dogmatismo autoritário” – caracterizado pelo estilo monumental, linear e impessoal de transmissão do

discurso alheio (Idade Média); “dogmatismo racionalista” – séculos XVII e XVIII, com o estilo linear muito mais nítido; “individualismo realista e crítico” – com estilo pictórico no qual as réplicas tendiam a penetrar o discurso alheio (meados do final do século XVIII e início do XIX); “individualismo relativista” – tendência à diluição do contexto narrativo (contemporaneidade).

Diante disso,

A língua não existe por si só, mas somente combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real. As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. São essas condições mutáveis da comunicação sociodiscursiva que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheio analisado por nós. Além disso, parece-nos que, nessas formas em que a própria língua percebe a palavra alheia e a individualidade falante, expressam-se de modo mais proeminente e saliente os tipos de comunicação socioideológica que se alternam na história. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 262).

Por fim, é importante encerrarmos trazendo à luz dois pontos importantes:

- 1) Concordando com Santos (2013), pensamos que diante de tudo o que foi apresentado, o eixo central nesse debate é a questão da interação entre o discurso alheio e o contexto, afinal, como já afirma o próprio autor russo, “[...] É especialmente importante a finalidade da orientação do contexto autoral. [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 261 – itálicos do autor russo).
- 2) Ainda concordando com Cunha (1992) e Santos (2013), nas pesquisas sobre discurso, o discurso de outrem é um tema bastante recorrente, tendo uma gama variada de objetos, questionamentos, bem como de abordagens dentro da literatura especializada: discurso citado (CASTRO, 2001), heterogeneidade mostrada e constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990), interdiscurso (POSSENTI, 2003),

polifonia (BEZERRA, 2005), intertextualidade manifesta e a intertextualidade constitutiva (KRISTEVA, 1969), dialogismo mostrado e constitutivo (COSTA, 2015), cada um evocando algum viés específico. (CUNHA, 2004, apud SANTOS, 2013, p. 171). Apontamos alguns estudos (autores, inclusive), porque, conforme bem afirmou Santos (2013, p. 174), muitas vezes termos e/ou conceitos são colocados lado a lado como similares, porém, é bom enfatizarmos que é preciso ter atenção e cuidado “às sutilezas que atenuam as diferenças na maneira de empregá-los e à incoerência ao usá-los em uma área que não compreende um ou outro princípio por não sustentar uma teoria ou área específica do conhecimento.”.

5 CONCLUSÃO

Evocamos, para finalizar este artigo, a epígrafe usada na abertura. Nela, Bakhtin deixa claro que sem responsabilidade não há vida, não há razão para vivê-la, tendo em vista que não podemos viver na inconsequência.

É nessa responsabilidade que produzimos este artigo, com o objetivo (que acreditamos que alcançamos) de propor à comunidade científica um texto, com linguagem clara e objetiva, que aborda as ideias comumente mais usadas em pesquisas na área de Letras, Linguística e Humanas. Além de uma revisão bibliográfica, objetivamos apontar algumas reflexões pessoais que, acreditamos, ajudarão aos leitores na compreensão da ADD.

Em um texto com o número limitado de páginas, obviamente, não temos a condição de tratar de todos os aspectos e de todas as nuances da teoria, ponto a ponto. Neste artigo, então, temos a nosso ver as principais ideias necessárias para um primeiro contato com a abordagem desenvolvida por Bakhtin e seus colaboradores.

A responsabilidade que buscamos ter na produção deste artigo soma-se ao anseio de novos pesquisadores em buscar compreender (algum)as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin, em especial os iniciantes. E, à luz dessa responsabilidade, que fundamenta real e filosoficamente a vida dos sujeitos sociais e dialógicos que somos, acreditamos que este texto se “enraizará” no meio acadêmico como um escrito para quem, eticamente, busca um primeiro contato com a teoria do Círculo.

REFERÊNCIAS

AGEEVA, Inna. La critique de F. de Saussure dans Marxisme et philosophie du langage de V.N. Vološinov et le contexte de la réception des idées saussuriennes dans les années 1920-1930 en Russie. **Cahiers de l'ILSL**, n° 26, 2009, p. 73-84.

ARCHAIMBAUT, Sylvie. Aperception et dialogue chez Lev Jakubinskij (1892-1945). | **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, 2009/2 - n° 21 p. 69-82.

ARCHAIMBAUT, Sylvie. Un texte fondateur pour l'étude du dialogue : De la parole dialogale (L. Jakubinskij). **Histoire Épistémologie Langage**. Tome 22, fascicule 1, 2000. p. 99-115.

BRANDIST, Craig. **Repensando o Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Tradução de: CRUZ, C.M.; GERALDI, J.W. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: UNICAMP, IEL, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico)

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro 7 João Editores, 2010, 155 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. 1ª ed. São Paulo: Editora34, 2016, 174p.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra e Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora34, 2017, 101 p.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (Org). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 191-200.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 201 – 220.

COSTA, Nelson Barros da. Dialogismo e análise do discurso – alguns efeitos do pensamento bakhtiniano nos estudos do discurso. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 321-335, maio/ago. 2015

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. **Discours rapporté et circulation de la parole**. Leuven/Louvain la Neuve: Peeters/Louvain-la-Neuve, 1992.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Sobre a Fala Dialogal convergências e divergências entre Jakubinskij, Bakhtin e Volochinov. **Conexão Letras**, v. 16, 2016, p. 31-49.

DANTAS, Wallace. **A relação Orientador-orientando em um mestrado profissional de formação docente: uma investigação à luz das ideias do Círculo de Bakhtin**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2021.

DANTAS, Wallace. O “maior” presidente da história do Brasil sob a ótica de Valentin Volóchinov – um estudo da significação e do tema na palavra ideológica. **RE-UNIR**, v.8, n. 1, p. 115 – 134, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/5798> . Acesso em julho de 2022.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 168p.

FRANCELINO, Pedro Farias. A dimensão dialógica e socioaxiológica do discurso reportado em Bakhtin. **Graphos** – Revista da Pós-Graduação em Letras, v. 6, n. 1-2, p. 23 – 30, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9530> . Acesso em julho de 2022.

IVANOVA, Irina. Spécifi cités de l'étude du dialogue dans la linguistique russe. **Histoire Épistémologie Langage**. Tome 22, fascicule 1, 2000, p. 117-129.

IVANOVA, Irina. Les sources de la conception du dialogue chez L. Jakubinskij », **Texto! Textes & Cultures**, 2003, vol. VIII, N° 4. Disponível em < http://www.revue-texto.net/Inedits/Ivanova_Jakubinskij.html> Acesso em julho de 2022.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Seminálise**. São Paulo: Debates, 1969.

KYHENG Rossitza Aux origines du principe dialogique. L'étude de Jakubinskij : une présentation critique aux origines du principe dialogique. **Texto! Textes & Cultures**, 2003, vol. VIII, n° 4. Disponível em < http://www.revue-texto.net/Inedits/Kyheng/Kyheng_Jakubinskij> Acesso em julho de 2022.

LÄHTEENMÄKI, Mika. Estratificação social da linguagem no “Discurso no romance”: o contexto soviético oculto. In ZANDWAIS, Ana (org.) **Mikhail Bakhtin**: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005, p. 41-58.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In.: BRAIT, Beth. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2013, p. 151-166.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012, p.115 – 131.

OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de. GERALDO, Lidiana Garcia. Ditirambo: culto e louvor a Dioniso. **Hélade**, v. 2, n. 3, 2016.

POSSENTI, Sirio. Observações sobre interdiscurso. **Revista Letras**, n. 61, edição especial, p. 253-269, 2003.

RAMOS, Fátima Maria Elias. Uma Leitura do Discurso do Outro nos Estudos da Linguagem. **Revista do GELNE**, v. 1, p. 01-10, 2010.

SANTOS, Eliete Correia dos. **Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do Projeto SESA**. 418p. Tese

(Doutorado) – Doutorado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2013.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. (Série Ideias sobre Linguagem).

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. **Bioethikos**. n. 3, v. 1, p.121-126, 2009.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

TYLKOWSKYI, Inna. Les conceptions du dialogue et leurs sources chez Lev Jakubinskij et Valentin Vološinov. **Cahiers de l'ILSL**, n° 37, 2013, p. 171-185.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad.: Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.